



UM OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DAQUELES QUE HABITAM AS RUAS DE BELO HORIZONTE

Ana Luiza Otoni Borges¹
Bruno Vasconcelos de Almeida²

RESUMO: O presente trabalho apresenta um relato sobre pesquisa realizada com cinco pessoas que já estiveram ou se encontram em situação de rua, e que possuem vínculo com a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte com o objetivo de investigar suas narrativas e histórias de vida e consequentemente explicitar suas relações com a cidade e condições de sobrevivência, abordando possíveis cuidados com saúde, modos de enfrentamento da violência e também conhecendo a história prévia e redes de apoio. Para tal, foi utilizada a pesquisa narrativa com foco nas histórias de vida, forma mais adequada de realizar a descoberta de novas perspectivas, bem como identificar pontos singularizantes nas histórias das pessoas e proporcionar a interação efetiva entre pesquisador e pesquisado. Observaram-se ao final dados que retratam certo avanço na política voltada para a População em Situação de Rua, a quebra do vínculo familiar, além dos relatos excepcionais de um grupo invisível e sem voz.

PALAVRAS CHAVE: População em Situação de Rua; Histórias de Vida; Narrativas.

ABSTRACT: The objective of the presented study was to report a research based on surveys and interviews with five different individuals that are or has been in the condition without a regular dwelling, in other words, homeless, in order to investigate their narratives and life stories and thus explain its relationship with the city, their living conditions, their approach with the public healthcare system and supporting networks and their strategies of encountering violence. To this end the authors used a narrative research focusing on life stories. They believe that this is the best way to discover new perspectives, as well as identifying singularities facts and providing effective interaction between both researcher and the volunteer. It was observed some converging points in the narratives, as well as facts that reflects considerable progress in public policy towards the population in homeless situation, in addition the exceptional reports from na invisible and voiceless group.

KEYWORDS: Homeless; Life stories; Narratives.

1 INTRODUÇÃO

Diante do modelo capitalista implantado, sabemos que a maneira pela qual as estruturas sociais se organizam influencia no modo como os indivíduos serão vistos e tratados dentre as experiências as quais estarão expostos. A vulnerabilidade social tem tomado proporções extremas no nosso país e este é um desafio que perpassa os caminhos da história mundial. No Brasil, por exemplo, a duração e intensidade da escravidão estabeleceu uma configuração particular para as representações sociais da pobreza. A verdade é que “desde os tempos coloniais, portanto, ao Brasil do Império, ao das Republicas – velha, nova e contemporânea – e agravado durante a ditadura militar, processos sociais excludentes estão presentes em nossa história” (SAWAIA, 1999, p. 27)

Como afirmam Varanda e Adorno:

¹ Acadêmica de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.
analuizaotoni@hotmail.com

² Pós-doutor em Filosofia (UFMG). Doutor e mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professor Adjunto IV na PUC Minas. Coordenador de pesquisa do Curso de Psicologia/Coração Eucarístico (PUC Minas). Psicólogo e acompanhante terapêutico. brunovasconcelos@pucminas.br

Pessoas que sobrevivem na pobreza e distantes de uma suposta rede de proteção social experimentam vínculos sociais extremamente frágeis, que tendem a se fortalecer ou se romper de acordo com as dificuldades que a realidade lhes apresenta e conforme o acúmulo de experiências desestruturantes ao longo da vida. (VARANDA; ADORNO, 2004, p. 62).

Assim se caracteriza a população em situação de rua, lançados à pobreza extrema, encontram na rua um meio de sobrevivência, criando modos de ali comer, dormir, trabalhar, etc. Segundo Bastos “No vocabulário da exclusão, morador de rua seria aquele que sobrevive à custa da assistência de indivíduos ou de grupos e/ou trabalhos precários e provisórios, pelos quais recebe remuneração irrisória” (BASTOS, 2003, p. 16).

De acordo com o Terceiro Censo de População em Situação de Rua de Belo Horizonte divulgado em 2014 pela Prefeitura de Belo Horizonte existem atualmente cerca de 1.827 pessoas em situação de rua no município de Belo Horizonte, vivendo em calçadas, praças, baixios de viadutos, terrenos baldios, ou pernoitando em instituições – albergues, abrigos, repúblicas e instituições de apoio. O MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome) propõe como definição para população em situação de rua “grupo populacional heterogêneo constituído por pessoas que possuem em comum a garantia da sobrevivência por meio de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a não referência de moradia regular” (p. 70).

Tachados de loucos, perigosos, vagabundos, tais indivíduos se tornaram vítimas de uma estigmatização social que não só legitima a violência física e psicológica contra o grupo, mas também influencia diretamente na construção de suas identidades pessoais. Mesmo sendo sujeitos presentes em nosso cotidiano ao longo da cidade, são negligenciados e excluídos graças a uma ideologia imposta, da qual manifestam extrema resistência.

Apesar de não apresentarem aspectos homogêneos, ao contrário, serem caracterizados por sua diversidade, as pessoas em situação de rua, negadas como parte constitutiva da sociedade, diante de sua condição social, perdem seus direitos e vivem em condições subumanas de sobrevivência. Sawaia afirma que:

O problema dos conflitos sociais não advém unicamente da luta pelo direito à diferença: étnicas, raciais e de gênero ou dos regionalismos e da globalização, mas do fato desses fenômenos estarem atravessados pela ideia da “identidade etiquetada” – defensiva ou agressiva, e o que é mais importante, usada a serviço da luta pelo poder. (SAWAIA, 1999, p. 121-122).

Grande parte das características rotuladas não condiz com a figura de toda pessoa em situação de rua e algumas delas podem ser justificadas pela reação advinda das representações procedentes de sua condição social. O fato é que despidos de pré-conceitos e generalizações, podemos encontrar diante da população em situação de rua, histórias de superação, sabedoria e luta diária por condições de vida mais dignas.

Dentro do cotidiano da população em situação de rua, indica-se que “[...] mesmo os estados de dominação são porosos, permitem a invenção de novas possibilidades de vida e criação, cujo maior desafio é sua própria sustentação e multiplicação como formas de subjetivação” (CERQUEIRA, 2010, p. 28). Tais modos de vida explicitam novos meios de criar, fazer, ocupar, carregando consigo histórias de sofrimento, perdas e ilusões. Consequentemente se ressignificam lugares e objetos como meio de sobreviver driblando os limites e proibições impostos.

A partir do contexto segregador, foi realizada uma pesquisa com o objetivo de investigar narrativas e histórias de vida de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte, para que se pudesse explicitar as relações com a cidade e as condições de sobrevivência, bem como abordar possíveis cuidados em saúde e os modos de enfrentamento da violência praticada contra essa população, sem deixar de conhecer a história prévia e as redes de apoio dessas pessoas em situação de rua. Para isso foram selecionados 5 indivíduos que já estiveram ou ainda estão em situação de rua e era pré-requisito que tivessem algum vínculo com a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte.

2 METODOLOGIA

Optou-se pela utilização da pesquisa narrativa voltada para a tipologia “história de vida”, contando com o auxílio de instrumentos como a escuta atenta às falas e as histórias de vida, o foco em escritos, documentos e conversas coletivas. Tal escolha possibilitou ao longo da pesquisa, tocar não só pesquisado como também o pesquisador através da experiência investigativa. Nova Cruz afirma que:

Encontrar um estilo de viver ferido, limitado, doente, é encontrar a potência criadora da vida e um caminho possível para esses encontros é por meio de narrativas (escutar, contar, recontar; ler e escrever) literárias e de vida (de médicos e pacientes). As narrativas guardam em si a coleção de estilos possíveis de se viver. As narrativas contêm em si as potencialidades de dar voz e materialidade para tais estilos. (NOVA CRUZ, 2015, p. 95).

Indiscutivelmente a metodologia escolhida tem o poder de dar voz às pessoas em situação de rua, para trazer à tona sua história, pois “É só assim que a porta mágica se abre e a pesquisa se torna humana, porque trata com seres humanos e não objetos e é preciso apreendê-los, compreendê-los e não apenas descrevê-los” (DAMERGIAM, 1999, p. 61).

Foram selecionados cinco indivíduos (um do sexo feminino e quatro do sexo masculino), com idades entre 30 e 60 anos, que já estiveram ou ainda permanecem em situação de rua, levando em conta o interesse e disponibilidade do entrevistado. O vínculo com a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte era um critério de participação, levando em conta a possibilidade de local de encontro e as inúmeras atividades oferecidas no ambiente. O número de encontros com cada participante não foi estipulado anteriormente, pois transcorriam de diferentes maneiras com cada um, havendo necessidade de prolongar ou não em algumas situações. As conversas eram gravadas, para que pudessem ser transcritas após cada encontro.

A pesquisa contou com entrevista semiestruturada, para que os diálogos perpassassem por algumas diretrizes para uma maior organização das narrativas e relação do conteúdo final com os objetivos propostos. Tais diretrizes eram divididas em seis eixos, dentre eles: relação com a cidade, sobrevivência, saúde, violência, história prévia e redes e vínculos de sustentação. O intuito era ouvir dos entrevistados os desafios e dificuldades de morar na rua, os lugares escolhidos, trabalhos realizados, relação com álcool e outras drogas, como cuida da saúde e enfrenta situações de violência, bem como sua história antes de vir para as ruas e suas redes de apoio.

Os encontros aconteceram entre os meses de setembro e dezembro de 2015 e a frequente participação dos pesquisadores nas reuniões realizadas anteriormente auxiliou na criação do vínculo, como também possibilitou a observação de parte do cotidiano do grupo e convivência com os demais frequentadores da pastoral. As escutas eram realizadas em ambientes silenciosos e mais afastados, para que proporcionasse privacidade e segurança a cada um ao expor sua história. A duração de cada encontro era estipulada pela disponibilidade do participante, visto que muitos dos moradores de rua se dispõem a realizar tarefas na limpeza, lanche e organização da Pastoral de Rua após as reuniões.

O procedimento de análise das narrativas utilizado foi a Análise de Conteúdo, baseada na obra de Bardin (2009) que afirma:

Descrever a história da “análise de conteúdo” é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a pos-

teriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século. (BARDIN, 2009, p. 15).

A autora descreve como critérios de organização de uma análise a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados que compreende a codificação e a inferência. A última etapa compreende as técnicas de análise, categorização, interpretação e informatização, apresentando alguns exemplos facilitadores.

3 RESULTADOS

Ao longo dos quatro meses de realização dos encontros, muitas questões foram levantadas pelos participantes. Alguns deles estendiam o discurso em determinados temas, outros claramente optavam por não detalhar ou prolongar a conversa em certos momentos. As entrevistas depois de transcritas passaram por uma análise de dados para posterior seleção dos resultados. A partir dos seis eixos contidos na pesquisa para direcionamento das narrativas, apresentam-se os resultados obtidos:

3.1 História Prévia

Com relação a história prévia dos participantes, pudemos observar em todos os relatos a quebra do vínculo familiar, pelas mais variadas justificativas, dentre elas falecimento de um membro mais próximo, preconceitos de gênero, convivência conturbada, ou até mesmo por escolha própria e sem motivo aparente.

Segundo Escorel (1999):

A população de rua está constituída, em sua maioria, por homens sós. O afastamento da família, elemento fundamental de apoio material, de solidariedades e de referência no cotidiano, permite uma primeira e basilar configuração da população de rua: é um grupo social que apresenta vulnerabilidades nos vínculos familiares e comunitários. (ESCOREL, 1999, p. 103).

O tema família é recorrente na fala de todos, porém não se observou nenhum movimento para aparente reconciliação ou tentativa. Suas histórias de infância, juventude e momentos antes da vida nas ruas foram relatadas de forma bastante emocionada e reflexiva. Apesar das barreiras que os impossibilitaram de dar continuidade a alguns objetivos almejados, trazem um discurso de constante caminhada para o futuro, sem o desejo de voltar atrás.

Podemos observa na fala de G., quando perguntado se em algum momento pensou em voltar para casa dos seus pais no Espírito Santo: *“sou determinado numa questão, e eu decidi vir a BH e é uma coisa nova, estou muito feliz de estar na capital mineira, mesmo estando nessa situação, nessa precariedade, mas eu tenho um objetivo e eu ainda tenho esperança de almejar sim, de prosseguir”*.

Ao contar sobre a convivência familiar, dois dos participantes narraram uma potencialização na quebra do vínculo após o falecimento da mãe. A. diz *“Quando minha mãe faleceu eu... é... eu passei dificuldade... Ela faleceu quatro horas da manhã, na data do meu aniversário. Era minha mãe de criação, mas eu falo como se fosse minha mãe. Eu chorei, eu não aguento... muito angustiado, é uma angustia que eu sofri dentro de mim, eu não sei concordar com esse negocio, eu não esperava, pedi pra Deus que plantasse um novo coração em mim...”*.

3.2 Relação com a cidade

Ao relatarem sobre sua relação com a cidade, lugares escolhidos para passar a noite, desafios e dificuldades, três deles levantaram questões sobre impedimentos e contratemplos ocorridos diante de sua condição social. Entretanto, citaram constantemente a utilização dos equipamentos da prefeitura (albergue e república), bem como o apoio oferecido pelo Centro POP.

O albergue e a república possuem serviços voltados para oferta de proteção integral que garanta condições de estadia, convívio, endereço de referência, para acolher com privacidade pessoas em situação de rua. Foram criados para o acolhimento desse grupo, seja para permanência ao longo do dia, ou para pernoitar. O Centro POP (Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua) é um espaço de referência, onde as pessoas em situação de rua podem se alimentar, cuidar da higiene pessoal, lavar suas roupas, e também receber orientação e encaminhamento para outros serviços.

Infelizmente, os equipamentos, criados para o atendimento deste grupo ainda são inferiores em relação à demanda. Diante do desafio que é dialogar e buscar soluções para um fenômeno mundial como a população em situação de rua foram pontuados alguns problemas em relação ao serviço ao longo das narrativas, como relata G. quando fala da segurança: *“É uma coisa constrangedora, eu tive ali numa instalação onde, no terceiro andar se tem uma escada*

de acesso, e numa questão de fogo ali seria, no meu ver, eu não sei as leis de bombeiro, mas me preocupa numa instalação como sair dela, caso o fogo ou caso uma emergência, e um fogo ao passar próximo a essa escada seria ali uma condenação de morte.”, e até da privação social “[...] o albergue me possibilita ali um check-in diário, até as 20:30 da noite o que me corta ali do ser humano a questão do social, é uma assistência mas ao meu ver não social, por me privar do social. Não posso ali ao sábado tomar um sorvete com um amigo ou uma pessoa que eu goste...”.

Apesar disso, pode-se observar que o auxílio é muito significativo como apoio e referência para todos. Varanda e Adorno afirmam que:

Entrar na rua significa desenvolver um processo compensatório em relação às perdas e começar a usar outros recursos de sobrevivência, até então ignorados, e assimilar novas formas de organização que permitem a satisfação das necessidades e superação dos obstáculos que a cidade apresenta. (VARANDA; ADORNO, 2004, p. 63).

Acreditamos que apesar das dificuldades, a criação e elaboração do equipamento devem ser reconhecidas como um grande avanço na visibilidade deste grupo como parte da população. Levando em conta o alto nível de politização e luta pelos direitos não só dos participantes da pesquisa, mas dos demais membros da Pastoral de Rua, melhorias serão cobradas e esperamos que sejam efetivadas para que os equipamentos continuem a ser referência de tantos.

3.3 Sobrevivência

Em relação à sobrevivência, três dos entrevistados não se encontram mais em situação de rua, consequentemente recebem algum tipo de benefício como o Bolsa Família ou Bolsa Moradia, processo intermediado pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Quanto ao momento nas ruas, todos relatam terem tido a oportunidade de se alimentar e se vestir graças à ajuda frequente oferecida por determinados locais e pessoas. G., ao falar sobre o local escolhido para passar a noite, relata sobre o auxílio recebido da vizinhança: *“[...] ali se tem também a questão da generosidade Belo Horizontina, a questão que garantem ali o alimento né, aos finais de semana, através das doações... o estado garante de segunda à sexta, no final de semana temos as doações”.*

Quatro dos participantes afirmaram não ter realizado nenhum tipo de trabalho no período em situação de rua contando com a generosidade de terceiros. Varanda e Adorno (2004),

afirmam que a realidade brasileira revela pessoas que já nasceram num contexto familiar cujos membros estavam fora no mercado formal de trabalho, numa realidade de ausência de políticas de suporte social. Apesar de um dos participantes ter contado que cuidava de carros enquanto estava em situação de rua, como no município de Belo Horizonte existem os equipamentos da prefeitura, pessoas que tem o costume de ajudá-los e a Pastoral de Rua como rede de apoio, a maior parte não se deslocou a algum tipo de serviço no período das ruas.

A dificuldade para conseguir um emprego formalizado sem comprovante de residência e na condição de pessoa em situação de rua também deve ser levada em conta nesse quesito. É importante dizer que, alguns dos entrevistados, como muitas pessoas em situação de rua frequentadoras da Pastoral, durante o período da pesquisa, estiveram participando de Cursos de Capacitação oferecidos gratuitamente, buscando adquirir conhecimentos e aprimorar habilidades para futuras oportunidades. Parcerias dentro da própria entidade buscam mantê-los sempre informados sobre as oportunidades oferecidas e por parte dos mesmos existe bastante interesse.

3.4 Saúde

Quanto à saúde, todos os participantes que necessitaram utilizar o Serviço Único de Saúde (SUS) ao longo de sua trajetória de rua, não foram impossibilitados, por exemplo, pela exigência do comprovante de residência, ou se foram, receberam o auxílio dos equipamentos da prefeitura (Albergue e República) para efetivar o atendimento. Em relação ao atendimento, todos se sentiram satisfeitos e não tiveram nenhuma reclamação a declarar. AA. declara: *“Fui muito bem atendido. Tanto no hospital Odilon Behrens, quanto nos postos de saúde que eu fui. Em um posto de saúde eu tive dificuldade pra conseguir um atendimento, mas com as enfermeiras, com os médicos que me atenderam, eu diria nota máxima. Eu não tive problema nenhum no atendimento, eu não”*.

Dois deles possuíam o vírus HIV, e necessitaram de tratamento e das medicações no período em que viveram nas ruas. Puderam recebê-los nos hospitais referência de Belo Horizonte, Hospital Eduardo de Menezes e Hospital Orestes Diniz, muitas vezes impossibilitados pela falta de dinheiro para o transporte, mas não relatam nenhuma recusa a atendimento por sua condição social. Ao longo da narrativa, C. afirma *“Sim, eu sempre, desde o ano de 2004 eu fazia o meu tratamento lá no Eduardo de Menezes la no bairro Milionários, porem eu estar em situação de rua as vezes eu não tinha condição de passagem, de locomoção para po-*

der ir ate lá. Aí depois de algum tempo, que eu vi que minha doença estava mais controlada, eu estava mais tranquilo na saúde, eu transferi para o Orestes Diniz”.

Dois dos entrevistados também já haviam tido uma forte relação com álcool e drogas, passando por hospitais para recuperação de algum mal referente ao vício. Souza e Fortini afirmam que:

No discurso dos moradores de rua, as drogas – incluindo aqui substâncias ilícitas e lícitas –, representam a possibilidade de enfrentar a vida perante as dificuldades em lidar com os obstáculos que a mesma apresenta. A droga aqui, não é apenas um consolo, mas a forma que encontraram de continuar a preservar as suas próprias vidas, mesmo que estase configure como uma vida assujeitada e alienada; a droga se configura como o que resta das suas vidas, sob a qual, a suas subjetividades se inscrevem. (SOUZA; FORTINI, 2009, p. 18).

Atualmente nenhum deles faz uso dessas substancias, afirmando a saída do vício por conta própria, diante de um quadro extremamente grave com ameaça de morte.

Súpreendentemente pudemos observar através dos resultados que não existe, em determinados locais de Belo Horizonte, ou se existe não foi identificada, uma resistência por parte dos atendimentos às pessoas em situação de rua no SUS. Recentemente o Governo Federal junto com o Ministério da Saúde lançou a campanha “Políticas de Equidade. Para tratar bem todos. Saúde da População em Situação de Rua” com o objetivo de valorizar a saúde como um direito de cidadania e afirmar que estas pessoas, independente de documentação, higiene, uso de álcool e drogas, têm o direito de receber atendimento no SUS.

Campanhas como esta retratam a dificuldade ainda existente de oferecer serviços essenciais e de direito aos moradores de rua, que infelizmente ainda são proibidos de utilizar serviços como o SUS, criados para tratamento de todos. Entretanto, em Belo Horizonte parece existir uma maior política de inclusão voltada para a saúde, pois existem locais de referência para atendimento de moradores de rua, seja no pronto-socorro, ou para realização de cirurgia, período no CTI.

3.5 Violência

Ao falar sobre violência, nenhum dos participantes da pesquisa disse ter sofrido violência física nas ruas. Um dos motivos era a escolha de uma localização mais segura para ficar, em bairros de classe média locais mais movimentados. Todos eles disseram-se pessoas tranquilas, o que provavelmente justificaria a convivência pacífica com os demais moradores

de rua. Com exceção de uma participante, que passou por um período na prisão e sofreu violência sexual, nenhum relatou agressão por parte de pessoas ou policiais.

R., que foi cúmplice num assalto e acabou sendo presa, ainda quando se encontrava em situação de rua, e contou que foi vítima de uma tentativa de abuso feita por um Delegado que permanecia no local no turno da noite. “[...] o outro delegado, de madrugada veio, um gordão... E eu estava com medo de dormir, eu dormi assim na grade. Aí eu to vendo um trem me apalpar, me pegar, tirar minha calça, aí eu falei “que que é isso moço?”, aí tinha um preso olhando pelo espelho e começou a gritar “ta esturupando a menina!!!”, relata R.”

As narrativas se divergiram frente ao tema relacionado ao aparato de público de segurança, quando, por exemplo, AA. expõe sua opinião sobre o relacionamento da polícia com os moradores de rua, “[...] com a licença da palavra, o cara tá “fudido”, o guarda não quer fazer sacanagem com ele e ele tá querendo tirar é... Abusar do guarda. Aí pela terceira vez o guarda falava, falava... E ele “ah, se você for homem você me tira daqui!”, o guarda saía e daqui a pouco chegava aquele comboio com mais de dez guardas, e o cara insistia “que que é?” bravo ainda!”. Segundo ele, diante das situações que presenciou, alguns guardas cometiam excessos sim, afinal, são humanos, mas em muitos momentos o morador de rua não cedia à ajuda ou avisos.

Já A., relata um momento complicado de sua trajetória de rua, em que apesar de não ter sofrido violência física, se sentiu bastante violado, quando dormia num determinado local e houve um assalto num comércio próximo. “[...] o camarada conseguiu roubar lá dentro e saiu correndo e chamaram a polícia, quando a polícia veio eles vieram... Em cima de mim, minha mochila, meus negócios, abriram minha mochila, pediram pra abrir e eu tive que tirar as coisas tudo de dentro... Aí abriu os meus mantimentos, pasta de dente, e viram que não tinha nada... É triste...”.

No caso de uma categoria de análise como a Violência, relacionada com um grupo excluído e marginalizado como a população de rua, devemos levar em conta que a ação violenta não se associa somente com a parte física, mas também psicológica, moral, sexual, etc. Por isso a possibilidade de resultados tão abrangentes e diversos.

3.6 Redes e Vínculos de Sustentação

E finalmente, quanto às Redes e vínculos de sustentação, todos os participantes são membros da Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte há bastante tempo. Ali se encontram semanalmente para reuniões, discussões sobre questões pertinentes ao grupo, auxi-

liam na limpeza do local e produção de alimentos e também para momentos de lazer como partidas de dama e xadrez. Escorel declara:

A rede de sobrevivência é, sem dúvida, parte crucial da “mágica” da sobrevivência dos moradores de rua. Composta por uma maioria de entidades privadas religiosas, as instituições trabalham com essa população distribuindo alimentação, roupas, assistência social. As entidades podem funcionar como elementos catalisadores da formação de vínculos, solidariedade e agregação da população de rua, tanto com as entidades, quanto entre moradores. (ESCOREL, 1999, p. 229).

Para os participantes da pesquisa, a Pastoral é muito mais do que um local de apoio, ali eles criaram vínculos e se encontram como parte de uma família. Em um momento das narrativas, o participante G. descreveu perfeitamente sua relação com a entidade, quando disse: *“[...] aqui eu encontro as pessoas que de alguma forma pra mim se criou uma relação familiar né? De amizade e vínculos. Aí chegar aqui e poder ver as caras familiares, ter esse espaço aqui é impagável. [...] trouxe a minha dignidade de volta, em momentos difíceis.”*

Os resultados revelaram a agregação realizada pelo papel da Pastoral para estes indivíduos. Todos fizeram vários elogios e se mostraram extremamente gratos a todos os responsáveis e frequentadores do local. Tais entidades são muito importantes no resgate de vínculos perdidos para a população de rua. Ali encontram não só segurança, como também lhe permitem ter voz. Podemos perceber o tamanho engajamento e sentimento de inclusão do grupo quando eles próprios assumem as tarefas domésticas do local, propõem mudanças nas reuniões, chamam atenção quando há alguma conversa paralela.

O espaço propõe a união dessa população vítima de tamanha segregação, sem dúvidas é uma grande motivação para eles continuarem lutando por suas conquistas. O grupo é muito politizado, estão sempre frequentando Fóruns e fazendo campanhas para melhorias na classe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho realizado individualmente com cada participante da pesquisa, além da participação nas reuniões realizadas na Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, pôde-se identificar alguns pontos singularizantes nas narrativas de cada um, bem como obter resultados que não estavam presentes nas hipóteses anteriores à pesquisa.

A fragilidade nos vínculos familiares contida em todas as narrativas é uma característica muito frequente na população em situação de rua. A quebra dos vínculos durante o pro-

cesso de deslocamento para às ruas reflete-se muitas vezes no isolamento e solidão de alguns deles, que só reconstituirão esses elos na formação de agrupamentos pelas ruas, ou em possibilidades como esta oferecida pela Pastoral. Ali eles frequentemente se encontram além de possuírem responsabilidades e voz diante das questões pertinentes ao grupo, o que lhes faz sentir como uma família.

Neste grupo em específico é possível observar certa tranquilidade diante do cotidiano precário e violento da população. Apesar disso, não se exclui a violência sexual, psicológica, dentre outras sofridas ao longo da trajetória, explicitando a dificuldade diária enfrentada nas ruas.

Muitos criticaram a atitude de alguns colegas por enfrentarem a polícia, muitas vezes provocarem a ira das autoridades e assim acabarem sofrendo agressões. Atualmente grande parte dos participantes da pesquisa são ativos no movimento da população em situação de rua, alguns até nomeados como representantes, eles sentem grande orgulho de sua luta e sabem da responsabilidade que carregam consigo. G., por exemplo, participa frequentemente de encontros como a Pré-conferência Municipal realizada para a discussão de falhas no atendimento à população em situação de rua. A., vai aos Fóruns de População em Situação de Rua, dentre outros eventos, representando seus demais companheiros de luta e argumentando sobre o necessário.

Fato surpreendente identificado ao longo da pesquisa foi a facilidade oferecida pelo Serviço Único de Saúde (SUS) nos atendimentos em diversos hospitais da capital. É evidente a precariedade do serviço em alguns locais do país, o que se eleva ainda mais num atendimento para a população de rua, muitas vezes tendo feito uso de álcool e drogas, ou sem documentação. Todos os participantes da pesquisa utilizaram o serviço de saúde durante a trajetória de rua, e não houve nenhum tipo de reclamação ou dificuldade no atendimento. Com isso é possível identificar um avanço nas conquistas da classe, especificamente na cidade de Belo Horizonte.

Inevitavelmente existem pontos que precisam ser aperfeiçoados e disseminados para outras regiões, não só no serviço público de saúde, mas também nos equipamentos da prefeitura como o albergue e a república. Todos os indivíduos entrevistados na pesquisa utilizaram das casas como abrigo temporário, o que deixa claro a importância e necessidade do serviço, porém surgiram algumas reclamações que refletem a imposição de melhorias.

Em suma, além de pontos convergentes (ou não), através do objetivo da pesquisa de investigar e explicitar a história de vida da população em situação de rua, representada por um grupo de cinco participantes, observou-se em cada um daqueles indivíduos várias personali-

dades promissoras. A falta de oportunidades claramente não os diminuiu, mas os tornou mais sábios. E por trás de toda estigmatização imposta socialmente, aquelas pessoas desejam ter voz e mostrar quem realmente são e o que querem. A pesquisa então trouxe a eles a possibilidade de narrar suas histórias, passando ao outro a sua experiência de vida e tornando infinita aquela vivência que era finita.

Ao longo da realização da pesquisa houveram limites e desafios como a reunião frequente com alguns dos participantes, visto que além da dificuldade para contatá-los, os que ainda permanecem em situação de rua não possuíam uma rotina estabelecida ou local de encontro. A presença da grande maioria masculina, não só na pesquisa, como também na convivência dentro da Pastoral de Rua, trouxe alguns desafios como o assédio e um excesso de aproximação, mas nada que prejudicasse o conteúdo do trabalho. Como o projeto foi realizado com grande maioria masculina, uma pesquisa futura poderia trazer aspectos mais consistentes e comparativos se realizada com um número maior de mulheres. Seria interessante também um estudo futuro que proporcionasse um contato maior com a realidade das ruas, encontros nos locais de moradia permanente, para que novas perspectivas pudessem ser observadas.

Ferreira afirma que:

O contato corriqueiro com pessoas em situação de rua, que no início gerava espanto e indignação, vai gradualmente levando a uma dessensibilização para com sua condição social. De tão acostumados com suas mazelas, mesmo que involuntariamente, já não mais reparamos suas presenças. Trata-se da disseminação da indiferença que denota uma “naturalização” do fenômeno pelos indivíduos sedentários: “as coisas são mesmo assim. O que posso fazer?” – exclamam. Assim, reproduzem uma visão que propaga a situação de rua como definitiva, imutável, defronte à qual os sujeitos históricos, que constroem a realidade social, nada podem fazer. (FERREIRA, 2004, p. 51).

Diante de tal realidade, torna-se natural a formação de uma concepção pré-estabelecida por uma sociedade insatisfeita e ao mesmo tempo acomodada, além de fixar a população em situação de rua em um estigma, do qual muitos deles acreditam que jamais conseguirão sair.

Alvarez, Alvarenga e Della Rina, concluem que:

Há que se trabalhar, no entanto, para o desenvolvimento dessa visão solidária, pois, como vimos, nos moradores de rua observados – reconhecidamente em processo de exclusão – largo segmento da sociedade atual conseguiu forjar uma forma de descarte de seus próprios semelhantes no jogo do viver, criaturas humanas tornadas descartáveis, que não cabem mais nas jogadas cruéis de um jogo que vai se tornando cada vez mais seletivo no sistema político-econômico-psicossocial. Foram simplesmente

apagados, deixaram de existir para muitos segmentos sociais, não sendo mais reconhecidos como seres humanos, como cidadãos. (ALVAREZ; ALVARENGA; DELLA RINA, 2009, p. 270).

Viver parte do cotidiano da população de rua, bem como conhecê-los de perto, não por representações sociais pejorativas, mas por sua expressão nua e crua, permitiu a elaboração de um novo olhar sobre tais indivíduos, despido de preconceitos, “achismos” e rótulos. A verdade explicitada ali, só é vista por aqueles que vivem ou conhecem a realidade das ruas.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; ALVARENGA, Augusta Thereza de; DELLA RINA, Sílvia Cristiane de S. A. Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n.2, p. 259-272, jun., São Paulo, 2009

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BASTOS, Carlita Moraes et al. **Vida e Missão** – Pastoral do Povo da Rua. São Paulo: Loyola, 2003.

CERQUEIRA, M. B. **Pobres, resistência e criação**: personagens no encontro da arte com a vida. São Paulo: Cortez, 2010.

DAMERGIAN, Sueli. Reflexões sobre o trabalho: A resiliência e o morar na rua: estudo com moradores de rua - criança e adultos - na cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 9, n. 1, p. 57-62, jan/jun., São Paulo, 1999

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu** – Trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ESCOREL, Sarah; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? – representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia e Sociedade**, v. 2, n. 16, p. 47-58, maio/ago., Porto Alegre: Abrapso, 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DE COMBATE À FOME (BR). Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e de Combate à Fome; 2008. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br>>. Acesso em: 18 de jun. 2016.

NOVA CRUZ, Denise Viuniski. **A Potência das Narrativas no Ensino e na Prática da Clínica Médica**. Itajaí, SC: Univali, 2015.

SAWAIA, Bader Burihan (Org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999

SOUZA, C. A.; FORTINI, P. F. **Vozes da rua:** um relato de experiência com moradores de rua. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/PRISCILA-FORTINI.pdf>>. Acesso em: 18 de jun. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Terceiro Censo de População em Situação de Rua e Migrantes.** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=154144&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 18 de jun. 2016.

VARANDA, W.; ADORNO, R. C. F. **Descartáveis urbanos:** discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. Saúde e sociedade, São Paulo, v.13, n.1, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-12902004000100007&Ing=es&nrm=iso>. Acesso em: 18 de jun. 2016.